



O PRIMEIRO CICLO SELVAGEM

Jeremy Narby

(Fala de abertura do Selvagem 2019)

O primeiro ciclo Selvagem (2018) reuniu pesquisadores, pensadores e representantes indígenas de culturas aparentemente distantes para apresentar seus pontos de vista sobre a vida. Abriu um diálogo entre ciência e conhecimento indígena.

O teatro do Jardim Botânico do Rio foi lindamente decorado, com longos fios entrelaçados de algodão evocando serpentes mitológicas e moléculas de DNA, e o evento também contou com apresentações musicais celestiais entre discursos.

O líder indígena, ambientalista e escritor Ailton Krenak mediu o evento com sabedoria e estilo. Todos os presentes falaram à sua luz e com o coração aberto. Krenak tem o toque de um diplomata internacional e sua presença trouxe o melhor de todos. Para iniciar discussões, ele deu sua opinião: a vida não é algo que nos rodeia, mas do qual fazemos parte.

Isso preparou o terreno para o primeiro orador, Sergio Besserman, presidente do Instituto de Pesquisa do Jardim Botânico do Rio. Ele começou afirmando que a ciência não sabe tudo. Ele ressaltou que a matéria escura compõe mais de 90% do universo e que a ciência não sabe nada sobre isso. Então ele disse que o cérebro humano pode nunca ser capaz de entender todas as complexidades do universo, porque não pode lidar com a complexidade da realidade. E ele questionou as palavras à nossa disposição. “Ambiente, environment, continua sendo ao redor”, afirmou. Na mesma frase, ele usou a palavra brasileira ambiente e a palavra inglesa environment, e apontou que ambos os conceitos continuam a implicar “o que o rodeia”. Besserman disse que concorda com Ailton Krenak: a vida não é algo à nossa volta; ao contrário, somos parte disso, parte da biosfera.

Selvagem teve um bom começo. Aqui estava o principal cientista do Jardim Botânico discutindo os limites da ciência e questionando a palavra “meio ambiente”, e citando Ailton Krenak para dizer que não estamos separados, mas somos parte da vida na Terra. Beleza.

Em seguida, o antropólogo Luis Eduardo Luna disse que um pajé colombiano mudou sua maneira de ver o mundo. Isso o levou a estudar antropologia, história e literatura, mas também ciências e bioquímica. Ele disse que havia numerosas populações indígenas antigas e bem-sucedidas nas Américas quando os europeus chegaram no final do século XV e começaram a destruir o que encontraram. Paralelamente, eles também começaram a desmatar. Agora, a Europa possui apenas 3% de sua floresta original. Em um lugar como a Finlândia, você vê árvores, mas é tudo monocultura. Os europeus desmataram a Europa, depois vieram para as Américas e continuaram o desmatamento. Da mesma forma, os europeus perseguiram pagãos na Europa, depois vieram para as Américas e começaram a perseguir povos indígenas. Luna também comentou a recente confirmação científica da inteligência de não-humanos. A ciência chegou a reconhecer que as plantas tomam decisões e têm memórias e inteligência. Até micróbios são inteligentes. E isso significa que os animistas estavam certos o tempo todo: plantas e animais são como pessoas. Para Luna, o pensamento animista é uma saída da atual crise ecológica. “Precisamos voltar a uma maneira animista de ver a natureza. O animismo não é uma filosofia – a maior parte da filosofia na Europa é um diálogo ou um argumento. Mas animismo não é um diálogo, é um contato. E assim que você tem contato com plantas ou animais, você sabe que eles são inteligentes. Tudo que você precisa é de um gato. Estamos em um planeta extraordinário e precisamos trabalhar para defender todas as espécies vivas.”

O terceiro orador foi *Tōrāmũ Kēhíri*, um ancião do povo Desana, que veio do Rio Negro para compartilhar sua sabedoria e falar sobre seu livro *Antes o mundo não existia*, que conta a história de como o mundo surgiu de acordo com às tradições Desana. Ele disse que aprendeu a história oralmente, quando jovem. Felizmente, Ailton o lembrou de contar para nós. É assim: a princípio, não havia nada além de escuridão, um banco, um pouco de tabaco e um pouco de coca. E uma personagem feminina,

a avó do mundo. E ela pensou em como criar o mundo. Ela se sentou no banco de quartzo branco, fumava tabaco e pensava. Enquanto pensava em seu quarto de quartzo branco, algo começou a surgir, como se fosse uma esfera e, em cima dela, uma espécie de espigão apareceu. A esfera, enquanto subia, envolvia a escuridão, de modo que toda a escuridão permanecia dentro dela. A esfera era o mundo. Ainda não havia luz. Tendo feito isso, ela chamou a esfera *Umuko Wi* “Maloca do Universo”. Primeiro, ela criou os trovões e pediu que eles criassem a humanidade, mas eles falharam. Fumou novamente o tabaco e criou o bisneto do mundo, feito pela fumaça. O bisneto do mundo desceu ao mundo em uma grande cobra, uma grande cobra-canoa, cheia de gente-peixe. A cobra-canoa viajou debaixo d’água, espalhando a humanidade, deixando as pessoas pela paisagem do mundo em que estamos agora. Foi assim que o mundo começou. Nós fomos criados pela transformação. Os seres humanos saíram de uma canoa de serpente cósmica.

Tōrāmū Kēhīri disse que, se quiséssemos saber mais sobre isso, poderíamos ler o livro dele.

Em eco disso, o astrofísico Gustavo Porto de Mello contou a história do que chamou de mito moderno contado pela ciência. Tudo começou com o big bang – o universo surgiu do nada há 14 bilhões de anos atrás, não havia DNA, moléculas, apenas uma sopa quântica, uma grande desordem, sem átomos, sem sol, sem galáxias. Eventualmente, átomos simples se formaram, depois se fundiram através da gravidade em estrelas; e nas explosões nucleares das estrelas, o carbono foi produzido – somos criaturas feitas de carbono – e outros átomos mais complicados também. Então bilhões de anos se passaram. E galáxias e planetas se formaram. E então a matéria se tornou capaz de se auto-organizar. O código de DNA surgiu da autopoiesis, autoconstrução, disse ele. Somos um processo codificado no DNA que produz proteínas, uma serpente que morde sua própria cauda. A vida é esse processo de auto-organização. O universo não para, a vida na Terra evolui e nem sempre será possível neste planeta.

E Gustavo Porto mencionou a teoria da panspermia, segundo a qual os cometas de outros sistemas solares carregam moléculas auto-organizadas e fecundaram mundos. Ele disse que estava convencido de que a serpente e o DNA sobreviveriam e se projetariam no futuro.

Gostei das duas histórias, a versão Desana com a canoa da serpente cósmica e o big bang com a serpente de DNA mordendo sua própria cauda auto-poética. De alguma forma, a avó que fumava a existência do mundo parecia mais fácil de imaginar. Mas as duas histórias pareciam apontar na mesma direção. Selvagem reunia cosmologias em tempo real. Ao vivo!

Em seguida, Moisés Piyãko, um respeitado xamã do povo Ashaninka, falou sobre as tradições de seu povo. Ele disse que o povo Ashaninka tinha uma grande história sobre o universo que foi transmitido através das gerações, mas que não continha números – nem milhões ou bilhões de anos. Mas era uma história que levaria horas para contar. Resumindo uma longa história, porque algumas coisas só podem ser contadas com o luxo do tempo, ele disse que cada ser neste mundo tinha um espírito, e o Grande Espírito deu aos humanos uma chave: ayahuasca. E isso permitiu que os humanos entendessem que havia dois mundos: aquele em que vivíamos e aquele em que havia essências e conhecimento. Ele disse que árvores, pássaros e rios sabiam as coisas e que a civilização moderna estava destruindo a natureza. Ele disse que o povo Ashaninka defende todos aqueles que vivem na floresta. Ele disse: “Nós não destruimos nada, pelo contrário, plantamos”. E ele disse que reunir ciência e conhecimento indígena era uma batalha, mas para o bem da humanidade. “Precisamos unificar nossos conhecimentos”, disse ele.

Como antropólogo que trabalhou com indígenas amazônicos, também tive a oportunidade de falar. Eu concordei com Moisés Piyãko: reunir ciência e conhecimento indígena leva tempo. Era como aprender duas línguas e se tornar bilíngue. E a ciência tem dificuldade em dialogar com outras formas de conhecimento, porque se concebe como monopólio do conhecimento válido. É como uma cultura monolíngue desinteressada no bilinguismo, ou mesmo contra ela. Mesmo que cientistas individuais desejem estabelecer um verdadeiro diálogo com os povos indígenas, geralmente é institucionalmente difícil para eles fazê-lo. E mencionei o problema da “ciência do helicóptero”, na qual os cientistas visitam comunidades indígenas, extraem dados e partem, dizendo que suas pesquisas são “pelo bem da ciência” e “para o bem de todos”; mas os povos indígenas podem ver que isso serve principalmente aos interesses

dos cientistas, bem como das indústrias que os apoiam. Um diálogo real entre os dois lados exigiria que os cientistas fizessem pesquisas participativas com as comunidades indígenas, envolvendo-os desde o início no assunto da pesquisa e na maneira de investigar, e encontrassem maneiras de compensar as pessoas por seu tempo e conhecimento.

★

No segundo dia do Selvagem, os palestrantes se concentraram nas plantas e em como elas possibilitam a vida na Terra.

A ativista Alice Worcman falou primeiro. Ela trabalha para promover a biodiversidade urbana e a permacultura, inspiradas nas práticas tradicionais. Ela disse que via a vida na Terra como um grande sistema inteligente, do qual os humanos fazem parte; e que as plantas têm inteligência, e os povos indígenas sabem disso; e quando cultivam plantas, trabalham a favor da vida e da regeneração do sistema vivo do planeta. Mas as pessoas que vivem nas grandes cidades tendem a não valorizar isso. Ela fez a seguinte pergunta: por que a regeneração do sistema não é considerada progresso? Ela lamentou que as pessoas que moram nas grandes cidades, que têm acesso a uma abundância de recursos, apreciem pouco de onde vem a comida, de quem a produz e do que essa produção implica. O negócio mundial de alimentos, baseado na monocultura, valoriza um pequeno grupo de plantas: 60% dos alimentos no mundo são baseados em apenas 4 plantas, a saber: arroz, trigo, milho e batata branca. E isso levou a uma monocultura da mente, disse ela, de modo que em um país como o Brasil, onde existem milhares de espécies de plantas alimentícias, agora existe saudade da biodiversidade. Por que não existe pitanga, ou cereja brasileira, nos mercados locais, mesmo que a planta seja resistente a pragas, fácil de cultivar e rica em antioxidantes? Por que as pessoas que comem comida três vezes ao dia não valorizam o trabalho realizado por quem cultivava sua comida, ou pelas pessoas da floresta e da própria floresta, que ajudam a regenerar o vasto sistema de vida da Terra? Worcman tinha boas perguntas. Ela concluiu dizendo que precisamos mudar nossa postura e avançar em direção à conservação e regeneração.

O professor de ecologia Fabio Scarano falou a seguir sobre a hipótese de Gaia, que considera a vida na Terra como um superorganismo, do qual cada um de nós faz parte. Nessa visão, a biosfera – a camada de vida que circunda o planeta, que é composta pela soma total de todas as interações de todos os organismos da Terra – pode ter a inteligência e as capacidades regenerativas de cada um de seus componentes. Tornou-se claro que mesmo os organismos mais simples são inteligentes e podem se regenerar. E quando se trata da regeneração da biosfera, ele disse, existem muitas espécies de plantas úteis que podem contribuir. Mas as pessoas também têm um papel a desempenhar, com seus pensamentos, culturas, histórias e tecnologias. Ele chamou isso de noosfera e tecnosfera, que evoluíram a partir da biosfera propriamente dita e que agora fazem parte dela. Podemos disseminar boas ideias e conversar um com o outro. O diálogo é essencial para promover a sustentabilidade, disse ele. E o conhecimento ancestral e sua apreciação da natureza são uma parte necessária do futuro. O futuro será ancestral.

O artista Ernesto Neto, que trabalhou sob a bandeira “Futuros ancestrais” e estava presente, sorriu.

Gustavo Martinelli, pesquisador chefe do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, disse que explorar diferentes regiões do Brasil abriu seus olhos. Aprender sobre plantas via livros era uma coisa, ele disse, mas explorar plantas com pessoas que moram entre elas era outra. Durante suas viagens, ele aprendeu sobre a diferença entre conhecimento e sabedoria e entre conhecimento acadêmico e tradicional. No mundo acadêmico, as pessoas sabiam um pouco sobre um pequeno pedaço, disse ele, mas isso dificultava o intercâmbio com outras pessoas. Um ano, Martinelli fez uma expedição ao território Yanomami e teve um profundo intercâmbio com um homem Yanomami chamado Claudio. Os dois aprenderam muito um com o outro, tiveram uma troca real. A ciência e o conhecimento tradicional certamente podem aprender um com o outro, ele disse, e isso é essencial para a vitalidade do conhecimento e da humanidade. Mas existem diferenças entre as duas abordagens; por exemplo, a ciência busca a universalidade, enquanto o conhecimento tradicional se concentra na multiplicidade e nas características locais. E Martinelli disse que o Brasil mudou nos últimos anos, a paisagem em si mudou,

com mais pastos e menos florestas em todo o país. Ele disse que era necessário conservar as plantas e reconhecê-las pela ciência antes de desaparecerem. E para salvar espécies vegetais, ele disse que seria necessário usar ambas as formas de conhecimento, científica e indígena.

Na tarde do segundo dia, os palestrantes se voltaram para o assunto das plantas mestres.

Selvagem não será domado e não se intimida com assuntos delicados.

O botânico Alexandre Quinet, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, falou sobre o que aprendeu com pajé Huni Kuin Agostinho Ika Muru, um homem que ele chamou de “cientista da floresta”, que sabia observar plantas e entender suas propriedades benéficas. Para o Huni Kuin, disse Quinet, muitas plantas têm nomes associados a um remédio ou a um benefício para uma pessoa – por exemplo, plantas que ajudam as crianças a crescer bem ou a aprender bem. Os Huni Kuin têm plantas que ajudam as pessoas a aprender. E na farmacopeia indígena, a ayahuasca é o professor de professores. Muitos povos indígenas da Amazônia usam esta planta, que tem nomes em várias línguas indígenas. E todos os grupos indígenas que a utilizam concordam que é necessária uma preparação especial, através de dieta, meditação e bom pensamento. Ele disse que as pessoas do (povo) Huni Kuin veem a ayahuasca como uma escola universal, que também envolve dança, ou um momento festivo para o corpo – uma cura relacionada à alegria. A ayahuasca ensina pessoas de diferentes culturas a se unirem e a se reconhecerem; e faz as coisas se moverem na psique e transforma a maneira como as pessoas pensam sobre a vida; e isso leva a uma melhor compreensão da ecologia e da natureza. Quinet disse que os pajés funcionam como intermediários entre pessoas e plantas, e que as plantas podem fornecer conhecimento avançado a pessoas sem educação formal.

A antropóloga Els Lagrou apontou que a ciência não apenas tem dificuldade de se comunicar com o conhecimento dos povos indígenas, mas também com diferentes partes de si mesma – de uma disciplina para outra. E lembrou-nos que o antropólogo Claude Lévi-Strauss havia muito tempo deixara claro que a ciência e o conhecimento indígena eram modos paralelos de aquisição de conhecimento, e que o conhecimento tradicional, como a ciência, dependia de observação precisa e na formu-

lação e teste de hipóteses – em outras palavras, nas mesmas operações mentais. Para Lagrou, conciliar ciência e conhecimento indígena significava olhar criticamente a história do projeto filosófico da modernidade. Ela explicou que separar os seres humanos da natureza era a base da cultura ocidental. Ela citou o xamã Yanomami Davi Kopenawa chamando os ocidentais de “pessoas da mercadoria”, que pensam no curto prazo. Isso coincide, disse Lagrou, com as opiniões do ecologista Gregory Bateson, que inventou a cibernética e que denunciou o pensamento de curto prazo das pessoas modernas. As formas indígenas de conhecimento são interessantes por si mesmas, disse Lagrou, e o objetivo não é validar outras formas de conhecimento com a nossa ciência, mas repensar mais globalmente as condições da produção do conhecimento. Ela disse que as formas indígenas de conhecer fazem outras perguntas sobre o mundo do que a ciência. E que o Huni Kuin lhe havia revelado mundos sobre os quais ela nada sabia.

O último orador foi Pedro Luz, um antropólogo e etnobotânico que contribuiu para o Livro de Cura do Huni Kuin¹. Ele disse que, quando examinava as plantas medicinais em colaboração com os povos indígenas, eles diziam: “essa planta é boa para tal e tal” e, então, ele ia ao laboratório e o confirmava. Ele disse que era um problema para a ciência que as plantas indígenas eram tão eficazes, porque às vezes a razão dada para sua eficácia escapava à análise científica. Ele deu o exemplo de um informante indígena que indicou uma planta boa para a hanseníase, com base no aspecto morfológico da planta. Isso era conhecido como “doutrina das assinaturas”, e a ciência achou a ideia problemática. Mas no laboratório, ele confirmou que a planta continha um óleo que continua sendo o único remédio para a hanseníase. Os humanos eram pragmáticos, disse ele, e se algo funcionasse, funcionaria. “As plantas mestras podem revelar que outra planta é um remédio”, disse ele, “e como Els Lagrou acabou de dizer, isso implica uma ontologia diferente”, o que significa dizer uma compreensão diferente da natureza da realidade. Para Pedro Luz, foi possível se comunicar com inteligências vegetais e aprender com elas. Ele ressaltou que a ciência ocidental agora

1. Una Isi Kayawa. Livro da Cura do Povo Huni Kuin do rio Jordão (Dantes/ Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2014)

estudava plantas como a ayahuasca e psilocibina como remédios para a depressão. Mas o futuro dessas plantas não é tanto quanto remédios ocidentais; mais importante, ele disse, eles apresentam a possibilidade de comunicação com outras inteligências. “Falo por abertura à possibilidade de outras inteligências”, concluiu.

★

Adorei o primeiro ciclo do Selvagem, porque ele permitiu que as vozes científicas e indígenas se complementassem e, dessa forma, a ciência e o conhecimento indígena puderam lançar luz um sobre o outro. O primeiro Selvagem foi uma mistura fina de conhecimentos indígenas, arte, música, histórias, botânica, antropologia, ativismo, ecologia e astrofísica. O mundo precisa mais desse espírito Selvagem. É um conceito que você pode exportar. Não vi nada parecido em Paris, Nova York ou Londres.

Se você exportasse o Selvagem, teria que pedir à Ailton Krenak para ensinar pessoas de outros países a mediar entre sistemas de conhecimento. Isso por si só seria útil. Ele é um diplomata entre sistemas de conhecimento, uma noção formulada pelo filósofo Bruno Latour, mas incorporada por Ailton.

Vários oradores do Selvagem se referiram à vida como um grande sistema totalmente interconectado, do qual os humanos fazem parte. É verdade que a comunidade científica agora reconhece que a vida na Terra é composta de uma multidão de organismos, incluindo seres humanos, e que todos juntos formamos uma mega entidade de tamanho planetário: a biosfera. Essa fina camada de vida que envolve o planeta é autoregulável em vários níveis, mas sua escala é tão vasta que muitas pessoas têm dificuldade em concebê-lo. A biosfera é uma espécie de hiperobjeto: permanece fora de alcance porque é grande demais para organismos individuais como nós; sabemos que ele existe e que fazemos parte dele, mas não podemos vê-lo ou tocá-lo, apenas porque vivemos dentro dele.

Eu argumentaria que a serpente cósmica descrita nas histórias da Amazônia sobre a vida fornece uma imagem com a qual visualizar a biosfera. Em várias representações indígenas, a serpente cósmica envol-

ve o mundo. Que melhor imagem para a rede global de vida baseada em DNA? Ele circunda a Terra, e o próprio DNA tem uma forma serpentina.

Visualizar a biosfera colocando uma personalidade serpentina nela, pode não ser do gosto da ciência objetiva, que geralmente procura evacuar o subjetivo e evitar a personificação. Mas a abordagem indígena de conhecer o mundo é personificá-lo – tratar plantas, animais e partes da paisagem como pessoas. E pode haver sabedoria nessa abordagem animista. Nas palavras de Luis Eduardo Luna, o animismo pode ser “uma saída da atual crise ecológica”.

Faz sentido que o segundo ciclo de Selvagem se centre na biosfera. Conseguir que os humanos contemporâneos apreciem a biosfera é um dos assuntos-chave no mundo atualmente. Então, como ajudar os cidadãos do mundo a formar uma imagem da biosfera? Talvez, seguindo a lógica de um futuro ancestral, a serpente cósmica permita que as pessoas visualizem a biosfera em suas mentes e possam entendê-la. Nesse caso, sugiro que juntemos imagens da serpente cósmica envolvida em todo o mundo e procuremos um logotipo da biosfera – ou um imago mundi, se preferir, uma imagem do mundo. E, é claro, pode haver outras maneiras de compartilhar o conhecimento biosférico. A discussão está agora aberta.

Na minha opinião, a técnica indígena de transmitir conhecimento através de histórias é difícil de derrotar. Adorei a história de *Tōrāmũ Kēhírĩ* sobre a avó que criou o mundo. A partir de agora, sempre que eu ouvir sobre o big bang, pensarei na avó fumando tabaco no escuro e pensando em criar o mundo. E vou pensar na canoa cósmica da serpente lançando humanos-peixes pela paisagem

Selvagem 2019, por favor, conte-nos histórias e conhecimentos sobre a biosfera que projeta uma luz ao redor do mundo.